



**FACULDADE MARIA MILZA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**VALDETE OLIVEIRA DA SILVA SANTOS**

**USO DE LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA:  
UM ESTUDO NO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA  
ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE GOVERNADOR MANGABEIRA-BA**

**GOVERNADOR MANGABEIRA-BA  
2016**

**VALDETE OLIVEIRA DA SILVA SANTOS**

**USO DE LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA:  
UM ESTUDO NO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA  
ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE GOVERNADOR MANGABEIRA-BA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Maria Milza – FAMAM, como requisito parcial para obtenção do título de graduação.

Prof<sup>a</sup>. Ms. Antonia Claudia de Andrade Cordeiro

**GOVERNADOR MANGABEIRA-BA**

**2016**

### Dados Internacionais de Catalogação

S237u	<p>Santos, Valdete Oliveira da Silva</p> <p>Uso de livros didáticos e paradidáticos no ensino da língua portuguesa: um estudo no segundo ano do ensino fundamental em uma escola da rede municipal de Governador Mangabeira - Ba / Valdete Oliveira da Silva Santos. – Governador Mangabeira – Ba, 2016.</p> <p>45 f.</p> <p>Orientadora: Profa. Ma. Antonia Claudia de Andrade Cordeiro</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Maria Milza, 2016.</p> <p>1. Leitura. 2. Livros Didáticos. 3. Práticas Docentes. I. Cordeiro, Antonia Claudia de Andrade. II. Título.</p> <p>CDD 372.412</p>
-------	--

**VALDETE OLIVEIRA DA SILVA SANTOS**

**USO DE LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO NO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE GOVERNADOR MANGABEIRA-BA**

Aprovada em: 20/12/2016

BANCA DE APRESENTAÇÃO:

---

Nome do(a) orientador(a)  
Faculdade Maria Milza

---

Nome do componente  
Faculdade Maria Milza

---

Nome do componente  
Faculdade Maria Milza

**GOVERNADOR MANGABEIRA-BA  
2016**

Dedico esta, como todas as outras conquistas na vida acadêmica, ao meu Deus, o todo poderoso, sem Ele, não teria chegado aonde cheguei.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por que Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas, pois iluminou todo o meu caminho para que pudesse chegar até aqui, me dando forças para superar todos os obstáculos encontrados nesta longa estrada.

Além do mais, a realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio, orientação, compreensão, acompanhamento e incentivo de várias pessoas a quem dirijo também esta mensagem de reconhecimento e gratidão:

A meus pais, Adeládio e Maria (*in memoriam*), razão do meu existir; a meus irmãos, que fazem parte de minha vida, tornando-a muito mais agradável e feliz.

A duas pessoas especiais, que são peças fundamentais em minha vida: meu filho Sérgio, pelo incentivo, e meu esposo Adilson, pelo companheirismo, parceria e paciência; também a meus familiares em geral, tios(as), primos(as), sobrinhos(as)...pela torcida e incentivo constante.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Ma. Antonia Claudia, pois, sem as suas contribuições, nada disso seria possível, além de sua paciência ter sido fundamental para a obtenção de sucesso no meu trabalho, bem como na construção de meu futuro.

A todos os professores da graduação que contribuíram para a agregação de conhecimentos na vida acadêmica, contribuição que também se estende à vida profissional e pessoal.

A meus coordenadores, Prof<sup>a</sup> Denise Pimenta e Prof. Roque Sérgio, e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Josemare Pinheiro, pelas orientações e por acreditarem no meu potencial.

A todos os meus colegas e amigos que participaram dos momentos de alegrias e tristezas, altos e baixos que enfrentei durante esta longa jornada, em especial Kaline Fraga, Érica, Míriam, Del e Alzira, enfim, a todos que, mesmo indiretamente, fizeram parte desta conquista!

Leitura boa é aquela que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo, que nos interessa a vida. E para que a leitura desenvolva esse papel, é fundamental que o ato de ler faça sentido para quem está lendo.

(Paulo Freire, 1990).

## RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo que procurou trazer uma reflexão sobre o modo como os professores fazem uso dos livros didáticos e paradidáticos nas aulas de Língua Portuguesa, bem como a importância atribuída a esses instrumentos, com enfoque na formação do leitor. Compreende-se que a metodologia adotada pelo professor influencia significativamente para a formação de leitores, aqueles que adotam uma postura crítica diante dos textos e que mantêm uma prática contínua de leitura. E para que o aluno adquira o hábito de ler, é fundamental também que ele tenha acesso a livros que estimulem essa prática. Dessa forma, surgiu o interesse por se pesquisar como os livros didáticos e paradidáticos têm sido utilizados pelos docentes nas práticas de leitura em sala de aula. Buscou-se refletir sobre o processo de ensino da leitura a partir da utilização dos livros didáticos e paradidáticos nas aulas de Língua Portuguesa e averiguar a participação e o interesse dos alunos pelas atividades de leitura orientadas com base nesses livros. E, tendo em vista esses objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, em uma escola da rede pública do município de Governador Mangabeira, Bahia, em duas turmas do segundo ano do ensino fundamental. Como técnicas de coleta de dados, foram selecionadas a observação e o questionário. A observação teve como objetivo registrar dados do contexto pesquisado, ou seja, para perceber como os professores utilizavam os livros escolares bem como a participação e o interesse dos alunos pelas atividades de leitura; e o questionário visou verificar, através das respostas dos professores, como eles viam o ensino e a aprendizagem da leitura, que importância atribuíam à leitura escolar e que lugar ocupavam os livros didáticos e paradidáticos em suas práticas de ensino da leitura. Os resultados da pesquisa revelaram que as práticas de leitura tiveram sempre por base um texto extraído de um livro didático ou paradidático, seguindo-se de uma atividade de interpretação, que exigia apenas do aluno responder a perguntas sobre determinadas informações que se encontravam claramente expressas no texto. Pode-se concluir que essa prática de leitura não contribuiu significativamente para a formação de leitores críticos.

**Palavras-chave:** Prática docente. Leitura. Livros didáticos e paradidáticos. Formação do leitor.



## ABSTRACT

The present work is a study that sought to reflect on how teachers make use of didactic and paradidate textbooks in Portuguese language classes, as well as the importance attributed to these instruments, with a focus on the formation of the reader. It is understood that the methodology adopted by the teacher influences significantly the formation of readers, those who adopt a critical attitude towards the texts and maintain a continuous practice of reading. And for the student to get into the habit of reading, it is also essential that he has access to books that stimulate this practice. In this way, the interest arose to investigate how didactic and didactic books have been used by teachers in the practices of reading in the classroom. We sought to reflect on the process of teaching reading through the use of didactic and paradidate textbooks in Portuguese language classes and to ascertain the students' participation and interest in reading activities guided by these books. And, in view of these objectives, a qualitative field research was conducted at a public school in the municipality of Governador Mangabeira, Bahia, in two classes of the second year of primary education. As data collection techniques, the observation and the questionnaire were selected. The aim of the observation was to record data from the researched context, that is, to understand how teachers used the textbooks as well as the students' participation and interest in reading activities; And the questionnaire aimed to verify, through the teachers' responses, how they saw the teaching and learning of reading, what importance it attributed to reading at school and what place did the didactic and didactic books occupy in their reading teaching practices. The results of the research revealed that reading practices were always based on a text extracted from a didactic or paradidático textbook, followed by an activity of interpretation, which required only the student to answer questions about certain information that were clearly expressed in the text. text. It can be concluded that this practice of reading does not contribute significantly to the formation of critical readers.

**Key Words:** Teaching practice. Reading. Didactic and didactic books. Formation of the reader.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 A LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR.....</b>	<b>11</b>
2.1 PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA E FORMAÇÃO DO LEITOR.....	11
2.2 LEITURA: OS LIVROS ESCOLARES E O TRABALHO DOCENTE.....	17
<b>3 PRÁTICA DOCENTE E O USO DE LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA .....</b>	<b>23</b>
3.1 OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE.....	23
3.2 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	26
3.3 SIGNIFICADOS E USOS DOS LIVROS ESCOLARES NAS AULAS DE LEITURA .....	28
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>44</b>







## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma ferramenta imprescindível na formação do indivíduo, enquanto ser integrante de uma sociedade. E, para que o educando adquira o hábito de ler, é preciso ter acesso a livros que estimulem essa prática. Além disso, é necessário que as práticas de leitura na escola estimulem o desejo dos alunos em exercitarem a leitura continuamente.

Na escola, as práticas de leitura se dão, principalmente, em torno dos livros didáticos e paradidáticos. O livro didático é motivo de diversas polêmicas sobre sua utilidade e importância no âmbito da sala de aula, principalmente por ele ocupar um lugar de destaque, sendo, muitas vezes, o único parâmetro para as aulas de leitura.

Para alguns professores, ele tem sido usado como material de apoio no desenvolvimento de suas aulas, contribuindo para promover a aquisição da leitura, já para outros, ele é o único material pedagógico para, muitas vezes, esconder sua falta de planejamento, pois é sabido que as práticas de alguns professores são norteadas pelo imprevisto, prejudicando assim a aprendizagem do aluno.

Acredita-se que é na escola, especificamente nas séries iniciais, que as crianças começam a formar o hábito e o gosto pela leitura. Então, cabe à escola oferecer livros de qualidade, estimulando assim a prática de leitura em sala de aula. Além disso, cabe ao professor fazer o uso adequado dos livros, incentivando a leitura e o posicionamento crítico dos alunos em relação aos textos.

Diante disso, surgiu o interesse de se pesquisar sobre a utilização dos livros didáticos e paradidáticos pelos docentes e, para tanto, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: De que forma os livros didáticos e paradidáticos têm sido utilizados pelos docentes nas práticas de leitura? A partir desse questionamento, foi traçado o objetivo geral, que visou verificar como os docentes têm utilizado os livros didáticos e paradidáticos para o trabalho com a leitura no segundo ano do Ensino Fundamental em uma escola pública em Governador Mangabeira, Bahia. E, com a intenção de se atingir o objetivo geral, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: refletir sobre o processo de ensino da leitura a partir da utilização dos livros didáticos e paradidáticos nas aulas de Língua Portuguesa e averiguar a participação e o interesse dos alunos pelas atividades de leitura orientadas com base nos livros didáticos e paradidáticos.

Quanto à caracterização do estudo, tratou-se de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, realizada em duas turmas do segundo ano das séries iniciais em uma escola pública da cidade de Governador Mangabeira, Bahia, sendo os participantes da pesquisa os professores das referidas turmas. Em relação às técnicas de coleta de dados, foram utilizados a observação não participante e o questionário.

A técnica da observação serviu tanto para verificar como os professores utilizavam os livros didáticos e paradidáticos como para se averiguar a participação e o interesse dos alunos pelas atividades de leitura.

O objetivo da aplicação do questionário nesta pesquisa foi verificar, através das respostas dos professores, como eles viam o ensino e a aprendizagem da leitura, por exemplo, o que para eles significava ensinar e aprender a ler, que importância atribuíam à leitura escolar para a formação de leitores e o lugar que ocupavam os livros didáticos e paradidáticos em suas práticas de ensino da leitura.

Além disso, foi feita uma análise documental para se refletir sobre os textos e as atividades utilizadas nas aulas de leitura e, para efeito de ilustração, foram inseridas algumas atividades propostas no livro didático adotado pela escola.

Este trabalho está organizado em 4 capítulos: além deste capítulo introdutório, o segundo, intitulado **A LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR**, apresenta as seções 2.1 PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA E FORMAÇÃO DO LEITOR e 2.2 LEITURA: OS LIVROS ESCOLARES E O TRABALHO DOCENTE, em que é abordado o papel da escola no ensino da leitura visando a formação do leitor. O terceiro capítulo – **PRÁTICA DOCENTE E O USO DE LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA** – compõe-se das seções: 3.1 OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE, na qual se descreve como foram ministradas as aulas de leitura pelas professoras; em 3.2 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA, se relatam as partes do livro e se reflete sobre as seções que tratam de leitura; o 3.3 SIGNIFICADOS E USOS DOS LIVROS ESCOLARES NAS AULAS DE LEITURA corresponde à parte em que se analisam os dados referentes ao questionário aplicado às professoras; e, finalmente, no quarto e último capítulo, são apresentadas as considerações finais.

## 2 A LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR

Sendo a escola o espaço responsável pela sistematização dos saberes, a leitura precisa ser trabalhada de forma consistente, considerando não apenas o tipo de leitor e de texto, mas também os diversos contextos. Dependendo de como ela será trabalhada pelo professor, pode contribuir significativamente para a formação de um sujeito leitor.

### 2.1 PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA E FORMAÇÃO DO LEITOR

A leitura em sala de aula é indispensável para a formação do leitor, principalmente quando se pensa em contextos sociais em que a maioria dos alunos não tem acesso direto a livros. Mas, para que isso ocorra, depende muito da prática do professor e dos livros disponíveis na escola. Não basta apenas que o professor leve um livro para a sala de aula e passe uma atividade que envolva a leitura, deve haver uma mediação eficaz para que as leituras tenham sentido na vida dos alunos.

A escola oferece grandes possibilidades ao professor quando faculta a escolha dos livros, sejam eles didáticos, paradidáticos ou literários, com os mais diferentes textos e histórias através dos quais se podem desenvolver práticas de leitura, tornando possível a formação de leitores no contexto escolar. Cabe destacar que o texto literário é o principal incentivo para instigar o prazer pela leitura, no entanto, ele nem sempre é trabalhado visando esse objetivo.

Segundo Abramovich (1997), a literatura infanto-juvenil foi incorporada à escola e, assim, imagina-se que, por decreto, todas as crianças passarão a ler. A autora ainda diz que até poderia ser verdade se essa leitura não viesse acompanhada apenas da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento.

A esse respeito, Soares (2011, p. 01) apresenta a forma e as finalidades com que a literatura é incorporada na escola através dos livros, quais sejam:

Numa primeira perspectiva, podem-se interpretar as relações entre escolarização, de um lado, e literatura infantil, de outro, como sendo a apropriação, pela escola, da literatura infantil: nesta perspectiva, analisa-se o processo pelo qual a escola toma para si a literatura infantil, escolariza-a,



didatiza-a, pedagogiza-a, para atender a seus próprios fins – faz dela uma literatura escolarizada.

Chiappini (2002), em sua pesquisa, divide os textos que são disponibilizados pelas escolas em dois grupos: os didáticos e os didatizados. Assim sendo, os didáticos são disponíveis nos livros adotados pelos professores, e os didatizados são aqueles selecionados pelos professores para serem utilizados em sala de aula.

Sabe-se que, para as atividades de leitura em sala de aula, na maioria das vezes, o livro é selecionado pelo professor e não pelos alunos, levando em consideração aqueles livros disponíveis na escola, seja no cantinho de leitura da própria sala de aula ou na biblioteca da escola, como se pode perceber no seguinte posicionamento:

O livro é indicado, não escolhido pelo leitor... Como uma única e mesma história pode interessar a toda uma classe? Que haja uma identificação geral de meninos e meninas – todinhos preocupados com um mesmo problema? E todos interessados num determinado gênero literário, previsto como fonte única de prazer para aquele mês do ano? (ABRAMOVICH, 1997, p.140).

É importante dizer que, em muitos casos, os alunos escolhem os livros sendo levados tão somente pela capa, pelas ilustrações em seu interior, etc., aspectos que também são importantes na relação que o leitor estabelece com o livro, mas que não são os únicos a serem considerados. Por isso, é importante que haja a mediação do professor nesta escolha, contando um pouco sobre o livro, o gênero, o autor, etc.

Caso o professor nunca permita que os alunos escolham o livro, ao invés de estimular, acaba desestimulando-os a desenvolver práticas de leitura prazerosas, uma vez que lhes foi tirada a oportunidade de escolher um livro que despertasse seu interesse. Em alguns casos, o aluno só tem acesso a um gênero textual durante todo o ano, retirando-lhe o direito de conhecer e até mesmo de gostar de outras modalidades de texto.

É importante lembrar que uma grande parte dos alunos não possui livros em casa e que muitos pais não possuem o hábito de ler ou, como diz Kleiman (2013, p.21), há uma “pobreza no seu ambiente de letramento”. Essa realidade torna ainda mais a escola como a principal responsável pela oferta de livros e por uma prática que contribua de forma bastante significativa para a formação de leitores.

Sabe-se que a variedade de textos contribui significativamente para ampliação do repertório da criança e, conseqüentemente, para seu desenvolvimento

como leitor, pois, com a leitura diversificada, ela tem a possibilidade de interagir com novos contextos, podendo assim simular, criar e recriar suas próprias histórias.

De acordo com a visão de Abramovich (1997, p.141):

Ao ler uma história, a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...

Diante disso, pode-se dizer que é de fundamental importância o professor escutar o que o aluno tem para expressar após uma leitura, pois, ao manifestar seu pensamento, ele interage com o meio em que está inserido e, assim, o professor conseguirá saber o que o aluno sentiu e entendeu a partir do texto, da história.

Conforme preconiza Abramovich (1997, p. 143):

É preciso saber se se gostou ou não do que foi contado, se concordou ou não com o que foi contado... É perceber que ficou super-envolvido, querendo ler de novo mil vezes (apenas algumas partes, um capítulo especial, o livro todinho...) ou saber que detestou e não quer mais nenhuma aproximação com aquela história tão chata, tão boba ou tão sem graça... É formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a amar um autor, um gênero, uma ideia, um assunto e, daí, ir seguindo por essa trilha e ir encontrando outros e novos volumes... (que talvez façam o amor pelo autor redobrar, ou provoquem uma decepção... isso tudo faz parte da vida!).

O leitor precisa ir construindo seu próprio caminho de leitura, e isso só se torna possível quando ele tem acesso a vários textos, quando lhe é dado o direito de opinar sobre os textos, etc., pois só assim ele será capaz de conhecer e se posicionar diante do material lido.

Dessa forma, pode-se dizer que o papel da escola não deve ser apenas o de ensinar a ler, mas também o de fazer com que essa prática se torne constante na vida do aluno. A leitura não pode ser entendida como uma simples decodificação de palavras, mas precisa ser encarada como uma interação entre o leitor e o texto, a partir da qual se constroem diferentes sentidos, sendo indispensável para a inserção do indivíduo no mundo que o cerca.

Segundo Paulo Freire (1990), leitura boa é aquela que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E, para que isso ocorra, o autor diz que é fundamental que o ato de ler faça sentido para quem está lendo.

Sabe-se que a leitura possibilita a participação social, pois, a partir dessa apropriação, o homem se comunica, troca informações, apresenta seus diferentes pontos de vista e produz conhecimento, dialogando com os textos que circulam na sociedade.

Silva (1998, p.24) ressalta que a leitura se trata de um ato global, que possibilita a percepção e a compreensão das relações existentes no mundo e não apenas como um aspecto cognitivo. Sendo assim, esse autor destaca:

[...] a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidade de transformação sociocultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção do conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida.

O autor evidencia que é por meio da leitura que os alunos adquirem os conhecimentos necessários à sua formação social e que são construídos ao longo da vida, trazendo uma compreensão do passado e do presente, possibilitando uma transformação sociocultural futura, contribuindo para a formação de cidadãos capazes de praticar o ato da leitura com autonomia e criticidade.

Como uma ferramenta muito importante, a leitura faz com que o aluno adquira conhecimento, pois ela é um componente crucial no que diz respeito a um indivíduo que quer se constituir como um ser que participe ativamente das relações sociais dentro do contexto em que está inserido.

A partir das informações fornecidas pela leitura de um determinado livro ou texto, torna-se possível a ampliação e a construção de novos conhecimentos necessários à compreensão das questões existentes no mundo. Mais uma vez, encontram-se evidências de que a leitura não é um ato apenas individual, mas também social.

A esse respeito, Marcuschi (2008, p.229-230) preconiza:

Compreender bem o texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.

Pode-se dizer, então, que a leitura precisa ser proposta de forma dinâmica e interativa, promovendo um diálogo entre o leitor, o texto e o contexto social, precisando ser uma prática social exercida constantemente, pois só dessa forma se torna possível a formação de leitores críticos.

Para a formação de leitores, é importante, então, que os professores também sejam leitores e estejam comprometidos com a formação de indivíduos que tenham interesse em conhecer os diferentes textos. E, para que aconteça essa formação, é de suma importância que o educador faça essa mediação desde cedo, nos primeiros contatos da criança com a escola, possibilitando-lhe conhecer os mais diversificados gêneros textuais.

É importante também atentar para as diferentes formas de leitura que permeiam o contexto escolar, tais como: leitura individual, leitura compartilhada, entre outros tipos, pois cada uma se constitui em um tipo de experiência para o aluno. O mais importante é que haja a interação entre o sujeito, o material de leitura e o meio social em que está inserido.

De acordo com Colomer (2007), a leitura compartilhada faz com que a criança se reconheça como integrante da sociedade e participe ativamente das questões sociais. Essa autora ainda ressalta que a comparação entre a leitura individual e a coletiva pode ser o melhor caminho para despertar na criança o gosto pela leitura, pois, através destas como também de outras atividades compartilhadas, evidencia que é o melhor instrumento para se formar o gosto pela atividade apresentada e contribui para a formação de leitores.

Recorrendo a Solé (1998), verifica-se que a atividade de leitura em sala de aula não pode ocorrer de forma competitiva, pois assim o aluno se tornará dependente dessa estratégia, podendo acarretar desinteresse por parte de muitos deles:

A leitura não deve ser considerada uma atividade competitiva, através da qual se ganham prêmios ou se sofrem sanções. Assim como os bons leitores nos refugiamos na leitura como forma de evasão e encontramos prazer e bem-estar nela, os maus leitores fogem dela e tendem a evitá-la. (SOLÉ, 1998, p. 90).

O professor precisa considerar a motivação do aluno para ensiná-lo a ler e não criar uma motivação artificial centrada em ganhos e perdas. Para tanto, ele tem

de tratar a prática de leitura como criativa e problematizadora, de modo a preocupar-se com a formação de um leitor crítico.

Conforme afirma Lajolo (2005, p. 13):

Para que a leitura cumpra o papel que precisa cumprir na vida dos alunos, a escola não pode ter como padrão uma leitura mecânica e desestimulante. Ao contrário. A escola pode e precisa tornar seus alunos capazes de uma leitura abrangente, crítica, investigativa. Só assim os livros farão sentido na vida deles. E só assim a escola estará ensinando seus alunos a usarem leitura e livros para viverem melhor.

Dessa forma, pode-se dizer que o espaço escolar é o lugar privilegiado para que a leitura seja desenvolvida e ampliada, mas, para que isso ocorra, esse ambiente precisa promover práticas de leitura que envolvam não apenas os livros didáticos, mas lance mão também dos livros paradidáticos e dos literários. Além disso, é importante também propiciar as condições necessárias a uma leitura multidisciplinar, ou seja, que não se restrinja apenas às aulas de língua portuguesa.

A esse respeito, Antunes (2009, p. 194) observa:

Primeiro, a leitura deixaria de ser considerada como uma atividade exclusiva da aula ou do professor de português, como tem parecido a alguns; segundo, a leitura de textos de outras disciplinas adquire esse teor de fonte de informação, matéria-prima para futuras interações em que o conhecimento especificado de algum tema fosse solicitado.

Esse posicionamento deixa claro que a prática de leitura não é tarefa exclusiva do professor de português e sim de todas as disciplinas escolares. Sendo assim, os professores comprometidos com a formação do leitor precisam promover práticas de leitura plurais, envolvendo diversas modalidades de texto e convocando outras disciplinas para o trabalho com a leitura e a compreensão textual.

Souza e Feba (2011, p.148) enfatizam:

[...] a escola se caracteriza como um ambiente profícuo à formação de leitores e para tanto é preciso aprofundar as discussões sobre o trabalho com a leitura no ambiente escolar, propondo o desenvolvimento de práticas que possibilitem o compartilhamento de diversos gêneros que auxiliem na compreensão do texto e na formação de um leitor autônomo não apenas na sala de aula, mas também fora dela.

A leitura precisa ser trabalhada em sala de aula de diferentes formas, através de diferentes gêneros, para que o aluno possa ser instigado a gostar da leitura e a adotá-la em seu cotidiano como indispensável para sua vida futura, tanto pessoal,

quanto profissional e social. Rangel (2005, p. 110) diz que é o professor que se constitui no “[...] mediador por excelência, entre os suportes de leitura e os leitores, sendo a sua atuação fundamental para a formação do leitor”.

Ao promover a leitura em sala de aula, o professor precisa estar atento também aos materiais de apoio que estimulam o aluno a ler, de modo a desafiá-lo a novas descobertas que possam despertar nele o desejo de tentar realizá-las, permitindo sua interação com o texto espontaneamente, tornando a leitura em uma ação agradável.

## 2.2 LEITURA: OS LIVROS ESCOLARES E O TRABALHO DOCENTE

Uma das formas pelas quais a escola demonstra a importância que atribui ao ensino e à aprendizagem da leitura é a seleção dos livros que servirão de base para as aulas de leitura. Sendo a escola o espaço que promove a interação entre o livro e o leitor, o professor precisa criar uma ponte entre esses alunos e os livros, para que haja de fato leituras significativas.

Entre os materiais que são selecionados pela escola, pode-se destacar o livro didático. Para Lajolo (1996, p.4):

O Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, *o que se ensina e como se ensina* o que se ensina.

De acordo com Marcuschi (2008, p.179), o livro didático ocupa também espaço de suporte de textos variados no contexto da sala de aula:

O livro didático é nitidamente um suporte textual, embora a opinião não seja unânime a esse respeito. Não obstante os argumentos em contrário, ainda se pode dizer que o livro didático (LD), particularmente o LD de língua portuguesa, é um suporte que contém muitos gêneros, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em suas identidades, embora lhes dê outra funcionalidade [...].

É válido também dizer que os textos que fazem parte do universo escolar não necessariamente devem estar apenas nos livros didáticos, podendo ser apresentados em outros suportes, como jornais, revistas, etc. Além disso, devem ser

abrangidos diferentes gêneros, sejam eles literários ou não, incluindo aqueles que se destinam a entreter, os que têm por objetivo informar, despertar o senso crítico, etc.

Cada tipo de texto possibilita um contato e uma reação diferente com o material lido. Dessa forma, podem-se destacar, a título de exemplo, as histórias em quadrinhos que habilitam a criança para um mecanismo que a instigará a rir, a se surpreender, entre outras reações que podem ser provocadas a partir de uma leitura.

A esse respeito, Kaufman (1995) também preconiza que os textos jornalísticos, instrumentos valiosos para a formação de leitores críticos, não podem ser empregados para recortar sílabas ou letras, para sublinhar substantivos, adjetivos, advérbios, etc.

Assim também o livro didático, como grande portador de textos no contexto escolar, não deve apresentar os textos apenas para fins de se desenvolver atividades gramaticais, mas adotar o texto como eixo principal, norteador das intervenções que serão feitas pelo professor, explorando o contexto de produção, o autor, o gênero a que pertence, etc.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) apresentam orientações que alertam que o professor, independente de sua área de atuação, deve utilizar o texto como ferramenta indispensável para o seu fazer pedagógico, devendo ocupar lugar de destaque no dia a dia da sala de aula, pois, por meio das aulas de leitura, o aluno terá a oportunidade de aprender conceitos, organizar e apresentar informações novas, argumentar colocando o seu ponto de vista, etc.

Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte de atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno. (BRASIL, 1997, p.34).

O aluno precisa ter contato com os mais diferentes gêneros de textos, pois ele vai se deparar fora da sala de aula com esses modelos textuais. Sendo assim, para que haja uma comunicação significativa, é imprescindível que o professor faça uso dessa variedade textual em suas aulas.

Dessa forma, é papel do professor oferecer a seu aluno a oportunidade de construir novos conhecimentos, de modo a instigá-lo a criar, recriar e refletir sobre

seu processo de aprendizagem. E isso está relacionado com os conteúdos e os livros selecionados para o trabalho em sala de aula.

A escolha pelo livro de língua portuguesa, por exemplo, deve levar em conta principalmente a diversidade de gêneros textuais e a qualidade das questões de interpretação de texto. À medida que o aluno exercita diariamente a leitura crítica, enriquece seu conhecimento social e pessoal, e sua compreensão de mundo torna-se ampla.

A seleção dos livros não é uma tarefa fácil, quando se trata do processo de leitura, pois o professor precisa avaliar o material, ver se está adequado à realidade do aluno, à sua faixa etária ou fase de escolarização, etc.

A esse respeito, Kaufman (1995, p.45) expressa: “A tarefa de selecionar materiais de leitura para os alunos é, em todos os níveis e modalidades da educação, uma das tarefas mais árduas que o professor tem de assumir em sua atividade pedagógica”. Essa mesma autora diz que selecionar implica avaliar e, portanto, acatar o caráter de objeto passível de avaliação de todos os materiais de leitura.

Durante a seleção e a organização dos conteúdos didáticos, os professores precisam atentar até para os detalhes do material, assumindo assim uma postura de observadores, de maneira que possam obter sempre uma compreensão crítica, colocando em seu planejamento apenas o que julgar importante para a aprendizagem dos alunos. Segundo Lajolo (1996, p.6):

No processo de seleção do livro didático e ao longo de sua presença na sala de aula, é preciso planejar seu uso em relação aos conteúdos e comportamentos com que ele trabalha. É só a partir disso que se pode descobrir a melhor forma de estabelecer o necessário diálogo entre o que diz o livro e o que pensam os alunos. Pois é só na interação entre o saber que se traz do mundo e o saber trazido pelos livros que o conhecimento avança.

E quanto à seleção dos materiais para leitura, o educador precisa considerar a realidade cultural do aluno, a diversidade e a qualidade dos textos, as ideologias subjacentes, etc. De acordo com Kaufman (1995, p.46), é preciso estar atento para:

[...] os conteúdos culturais que os textos escolares incorporam à transferência educativa. Todos os materiais de leitura enquanto linguagem transmitem modelos de vida, através dos quais o indivíduo aprende a desenvolver-se como membro de uma sociedade e a adotar sua cultura, seus modos de pensar e de agir, suas crenças e seus valores.



Mas o que geralmente ocorre é a aquisição de um livro didático sem que haja critérios bem definidos de escolha ou sem que se analisem os conteúdos implícitos. E, quando esse material chega às mãos do professor, o que resta é selecionar os conteúdos a serem trabalhados e fazer suas adaptações. De acordo com Lajolo (1996, p.8-9):

Nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores, e é em função da liderança que tem na utilização coletiva do livro didático que o professor precisa preparar com cuidado os modos de utilização dele, isto é, as atividades escolares através das quais um livro didático vai se fazer presente no curso em que foi adotado.

Essa autora ainda ressalta que, com algumas exceções, os livros didáticos de Língua Portuguesa, inclusive avaliados e aprovados pelo MEC, trazem um resumo da coletânea de textos fragmentados, sem falar nos exercícios, que não apresentam as condições necessárias à aprendizagem do aluno.

Segundo Molina (1987, p. 33-34):

Livros didáticos que, muitas vezes, apresentam exercícios cujas respostas estão contidas nas próprias pistas fornecidas, ou que dependem de mera transcrição de palavras do texto para outro espaço, não devem produzir resultados interessantes no sentido de levar o aluno a aprender. Por que são utilizados? Provavelmente porque o aluno não “consegue” errar os exercícios e esse resultado mascara a verdadeira situação. “Acertando” as respostas o aluno consegue chegar ao final do livro (e do ano letivo, provavelmente) aparentando um conhecimento que não tem e, o que talvez seja o resultado mais nefasto, sem ter desenvolvido as habilidades de que necessita para um estudo independente.

Os textos que são disponibilizados pelos livros didáticos por si só não dão conta de promover práticas de leitura significativas. Faz-se necessário que exista uma mediação do professor, desde a seleção do texto a ser trabalhado até a forma de abordá-lo. O professor deve ter autonomia para escolher os textos do livro didático com os quais deseja trabalhar e, caso estejam fragmentados, pode buscá-los na íntegra e levá-los em outro suporte para a sala de aula. Além disso, o professor não precisa ficar preso ao livro didático, podendo levar outros suportes e variados textos para suas aulas de leitura.

A escola apresenta papel muito importante enquanto promotora da aprendizagem da leitura. E o professor, como mediador, precisa estimular cada vez

mais os alunos a terem o gosto pela leitura. Para tanto, o material didático precisa ser muito bem escolhido e explorado pelo professor.

Vale destacar que os livros escolares, independente a que coleção pertençam, são materiais de apoio norteadores para as práticas de leitura em sala de aula, isso deixando cada vez mais evidente que o bom aproveitamento desse material depende das estratégias que cada professor utilizará para fazer uma mediação significativa entre o livro e o aluno.

Além do livro didático utilizado nas aulas de leitura, cabe destacar o uso dos paradidáticos, aqueles que se aproximam da literatura infanto-juvenil, mas sua diferença reside no fato de o caráter pedagógico prevalecer sobre as intenções estéticas. Geralmente, eles possuem um tema que se associa aos conteúdos escolares.

Esses livros podem ser grandes aliados nas práticas de leitura em sala de aula, desde que sejam trabalhados de forma a instigar o prazer de ler. Porém, o que ocorre na maioria das vezes é o uso deles com a finalidade de preencher fichas de leitura, responder questionários ou outras atividades do gênero.

De acordo com Santos (2005, p.8-9), esses livros:

[...] são divididos pelas editoras por faixa etária ou série, desconsiderando que pessoas da mesma idade ou série podem ter maturidade diferente como leitores; por não existir, em geral, na escola, lugar para a leitura-prazer e a auto-avaliação, a leitura de paradidáticos vinculou-se desde o início, a notas dadas através de provas ou testes [...].

Sabendo que a escola os adota sem considerar também as preferências dos alunos, tendo como base apenas a indicação da série pela editora e uma pequena descrição do conteúdo do livro, geralmente os educandos não se identificam com os livros.

Além disso, quando o trabalho do professor se restringe à recomendação da leitura para uma cobrança posterior de uma atividade escrita, o aluno não se sentirá motivado à leitura desses paradidáticos. Quando o aluno não tem essa identificação e nem interesse para ler esse tipo de livro, o que geralmente ocorre é uma simulação de leitura, limitando-se a folhear as páginas do livro à procura das respostas de um possível questionário.

Pode-se dizer, então, que o trabalho com a leitura em sala de aula não depende apenas do material adotado pela escola, mas principalmente do direcionamento que será dado pelo professor.

Lajolo (2005) propõe que seja dada uma atenção especial quanto ao papel da escola, dando ênfase ao trabalho do professor no que diz respeito ao ensino da leitura, quando afirma:

A escola é fundamental para aproximar dos livros a criança e o jovem. É na escola que os alunos precisam viver as experiências necessárias para, ao longo da vida poder recorrer aos livros e a leitura como fonte de informações, como instrumento de aprendizagem. E você [o professor] é a figura-chave para que a leitura chegue às mãos, aos olhos e ao coração dos alunos. (LAJOLO, 2005, p. 12).

Dessa forma, fica evidente que a escola e o professor possuem papéis indispensáveis para a formação do leitor, desde a escolha dos livros adequados ao alunado, sejam eles didáticos ou literários, até a forma de condução das práticas de leitura em sala de aula.

### **3 PRÁTICA DOCENTE E O USO DE LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Nesta seção, são apresentados os dados decorrentes da pesquisa de campo: as atividades de leitura observadas; o entendimento das professoras investigadas sobre a leitura no contexto escolar e como se dá o uso dos livros didáticos e paradidáticos nas aulas de Língua Portuguesa.

#### **3.1 OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE**

A observação ocorreu em uma escola pública situada no município de Governador Mangabeira, Bahia, em duas turmas do segundo ano das séries iniciais. Assim, a observação da prática docente aconteceu em quatro dias, sendo dois em cada turma.

Primeiramente, é importante destacar que, durante os dias observados, as duas professoras não fizeram uso do principal livro didático de língua portuguesa, mas utilizaram outros livros de apoio.

O primeiro dia de observação se deu na turma da Professora P1, no dia 1º de setembro de 2016. Percebeu-se que o trabalho com a leitura foi iniciado quando a professora selecionou o livro *Traquinagem de Criança*, de autoria de Janete Lainha Coelho (2014), da Coleção Pactos de Leituras, o qual faz parte do Programa Estadual de Alfabetização na Idade Certa. Trata-se de uma estória em forma de cordel, contendo algumas adivinhas ao longo do texto. A professora perguntou a classe quem gostaria de ler o livro, como todos manifestaram interesse, ela escolheu apenas um dos alunos para fazer a leitura em voz alta. Percebeu-se que a turma não mostrou um grande interesse no momento da leitura.

Após a leitura do livro, a professora não fez qualquer intervenção, não levantou questionamentos sobre o texto, não chamou atenção para o fato de se

tratar de cordel, nem sequer permitiu que os alunos tentassem adivinhar o que o texto sugeria através dos versos. Para ilustrar, selecionou-se uma das estrofes do livro, na qual a resposta “sereia” é sugerida pelo conteúdo dos versos e pela imagem da sereia que está presente na mesma página.

A cauda é compridinha  
Tenho mãe e tenho pai  
Estou também na cultura  
Naquele caso que se vai  
Onde tá a história  
Que da imaginação sai?  
(COELHO, 2014, p. 6).

Logo em seguida, a professora entregou uma atividade impressa para os alunos, mas não havia qualquer relação com o texto que acabara de ser lido. Essa atividade inicia-se com o seguinte comando: “Leia atentamente este texto”. Trata-se de um poema, transcrito a seguir.

#### **A FESTA DA JARARACA**

A jararaca preparou  
Uma festa com o peru  
Mas o jacaré não vai,  
Está brigando com o urubu.

O jacaré está chateado,  
Pois pegou catapora  
E a coruja para agradá-lo  
Fez um suco de amora.

Seguem-se questões sobre o texto lido, tais como: “Qual o título do texto?”/ “Quem preparou a festa?” / “Por que o jacaré ficou chateado?” etc.

Diante disso, pode-se dizer que a professora parece não ter uma sequência didática de trabalho com a leitura. Além disso, tratando-se da atividade, percebe-se que a escolha das perguntas não favorece a que o aluno cresça como um leitor crítico, pois as respostas se encontram na superfície textual, ou seja, os alunos não teriam dificuldade para encontrá-las. A esse tipo de prática de leitura, a autora Angela Kleiman (2013) chama de leitura como decodificação, aquela em que o aluno só precisa procurar um trecho que repita o material já decodificado da pergunta.

Ao final da aula de Língua Portuguesa, a professora não fez a correção da atividade.

No segundo dia, 2 de setembro de 2016, a professora entregou uma cópia de um texto do mesmo livro *Traquinagem de Criança*, seguindo a mesma metodologia, solicitando uma criança para fazer a leitura do texto em voz alta. Depois disso, ela fez algumas perguntas orais sobre o texto lido e passou uma atividade escrita, a qual pedia que ilustrassem algumas partes do texto, com base em determinadas palavras (bola, boneca e patins). Esse texto trata-se de um trecho da música “Gente tem sobrenome” (Toquinho), mas esse aspecto nem sequer foi mencionado pela professora. Assim, segue o trecho da música:

Todo brinquedo tem nome:  
Bola, boneca e patins  
Brinquedos não têm sobrenome,  
Mas a gente, sim

Coisas gostosas têm nome:  
Bolo, mingau e pudim.  
Doces não têm sobrenome,  
Mas a gente, sim.  
(TOUQUINHO/ELIFAS)

Percebe-se que a professora desvia a atenção de aspectos importantes como o gênero do texto trabalhado, os autores, etc., e se concentra em uma atividade que envolve apenas algumas palavras do texto. Para desenvolver essa atividade, o aluno não precisaria compreender o texto, bastava que decodificasse as três palavras já mencionadas e as ilustrasse.

A observação na sala de aula da professora P2 iniciou-se em 5 de setembro de 2016. Essa aula começou com a leitura de uma fábula “O ratinho da cidade e o ratinho do campo” do livro *A magia das virtudes*, de Tânia Dias Queiroz e Paula Adriana Ribeiro (2002). Nessa atividade, a professora escolheu um aluno para fazer a leitura em voz alta. É importante ressaltar que só o professor dispõe desse livro. Logo após a leitura, não foi feita nenhuma intervenção sobre o texto, não foram abordadas questões como: o gênero a que pertence, o autor, a estrutura, o propósito comunicativo etc.

No segundo dia, 6 de setembro de 2016, a professora chamou toda a turma para se sentar em roda no chão para que ela contasse uma história e para que, em seguida, todos participassem compartilhando o que entenderam. Algo que chamou atenção foi que a professora levou inúmeras fichas com figuras de animais com as letras iniciais do nome do bicho e, durante a leitura, foram apresentadas as figuras

de cada animal presente na história, além de outros que não apareciam no texto. O que a professora chamou de “estória” foi a leitura de pequenas estrofes, como as que se seguem:

Parece coala...  
Mas é urso  
Começa com a letra U

Parece gazela...  
Mas é veado  
Começa com a letra V...

Deu-se continuidade com uma atividade intitulada de “Apropriação da escrita”. A atividade solicitava que o aluno descobrisse qual nome possui mais letras, dentre os nomes de animais trabalhados, tais como: coala, gazela, urso e jumento.

Pode-se dizer que essa prática de leitura e também a que foi apresentada por P1 não estão direcionadas para a formação de leitores, uma vez que o texto apresenta uma única função pedagógica – ensinar as letras, e a professora só trabalha esse aspecto, embora em sua fala se trate de uma contação de estória.

### 3.2 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O livro didático adotado pela escola é da autora Fernanda Ribeiro do Valle (2014), faz parte da Coleção Aprender e Saber e tem o título *Letramento e Alfabetização*, destinado ao segundo ano do Ensino Fundamental. O livro compõe-se de quatro unidades, com dois capítulos cada uma e cada capítulo inicia-se com um texto, seguindo-se as seguintes seções: “Para preparar a leitura”; “Para ler e conversar”; “Para ler e escrever”; “Para estudar a escrita”; “Para brincar e aprender” e “Produção de texto oral e escrito”.

Entre os gêneros textuais presentes no livro, estão: poemas, tirinhas, contos infantis, textos instrucionais, adivinhas, receitas culinárias, peças teatrais, canções, contos de fadas, fábulas. Percebe-se, portanto, que o livro possui uma diversidade de textos e, é importante dizer também que todos esses gêneros são indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997) para o primeiro ciclo.

Foram selecionadas, para fins da pesquisa, as seções “Para preparar a leitura” e “Para ler e conversar”. Conforme o Manual do Professor, a seção “Para

preparar a leitura” destina-se ao levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o texto que vai ser lido, com questões relativas ao tema, ao gênero, ao autor, etc. E quanto à seção “Para ler e conversar”, segundo o Manual, tem como objetivo localizar informações básicas no texto, segundo questões orais.

Para ilustrar essas seções que tratam da leitura, analisou-se o primeiro capítulo do livro. O texto inicial é introduzido com a seção “Para preparar a leitura”, com o seguinte comando para o aluno: “Acompanhe a leitura que a professora vai fazer. Localize o título, o nome do autor, observe as figuras. Tente imaginar de que assunto o texto trata”. Além disso, são dadas as seguintes orientações ao professor: “Prof.(a), este é o momento em que os alunos levantam hipóteses em relação ao que será lido. Você poderá avaliar os conhecimentos dos alunos sobre a escrita, solicitando que eles leiam as palavras que conseguem reconhecer”. Como se pode perceber, esses comandos não ativam o conhecimento prévio dos alunos, não há questões que convoquem informações anteriores, como alertam as orientações ao professor. Não se questionou, por exemplo, a que gênero pertence o texto; se os alunos conhecem o autor; se já leram outros textos do mesmo autor, etc.

Na segunda seção “Para ler e conversar”, aparece a seguinte instrução para o professor: “Os alunos deverão participar oralmente das atividades desta seção, interpretando e emitindo opiniões, apoiados na leitura feita pelo(a) professor(a).” Seguem-se questões como: “Que animal é apresentado no início do texto?” “Como o autor caracteriza esse animal?”. Para responder tais questões, os alunos só precisariam identificar os seguintes trechos do texto: “Era uma vez um galo.” / “Logo ele, um galo sem gula, tão legal e pacífico”. Tomando como base o texto indicado ao professor, pode-se dizer que essas indagações não se constituem em interpretação textual, nem instigam a emissão de opinião, pelo contrário, o aluno só realiza um trabalho de decodificação do material lido.

Portando, pode-se inferir que, se o professor adotar essas instruções fornecidas pelo LD, sem fazer suas adequações, não estará contribuindo para a formação de leitores críticos, aqueles que se posicionam diante do texto, que têm algo a dizer.

### 3.3 SIGNIFICADOS E USOS DOS LIVROS ESCOLARES NAS AULAS DE LEITURA



Com base nas respostas ao questionário, instrumento aplicado com o intuito de verificar o que representava, para as professoras entrevistadas, o que significa ensinar e aprender a ler; que importância atribuíam à leitura escolar para a formação de leitores, bem como compreender que lugar ocupavam os livros didáticos e paradidáticos em suas práticas de ensino da leitura, foram obtidos os resultados a seguir apresentados.

Ao serem questionadas sobre sua concepção de leitura, as docentes apresentaram os seguintes entendimentos:

### **Fragmento 1:**

A leitura é algo fundamental para todos os seres humanos, pois, além de ampliar seu conhecimento do mundo, os capacita para as diferentes formas de interação. (P. 1, questionário, out.2016).

### **Fragmento 2:**

Leitura é conhecimento do mundo, que proporciona a formação integral do aluno enquanto indivíduo integrante de uma sociedade. (P.2, questionário, out.2016).

As duas entrevistadas apresentam concepções que vão além do conceito de leitura como um simples domínio de palavras, de decodificação dos símbolos, mas como uma ação que torna possível a ampliação do conhecimento do sujeito, além de ressaltarem a importância da leitura para a vida dos alunos. De acordo com Abramovich (1997), a criança, quando lê uma história, consegue desenvolver seu potencial crítico, assim poderá fazer questionamentos que possam direcioná-la para novas descobertas.

Em seguida, perguntou-se, como é desenvolvido o trabalho com a leitura. As professoras apresentaram as seguintes respostas:

### **Fragmento 3:**

Ofereço livro de acordo com o seu nível de leitura, promovendo atividades que envolvam leitura como: receita, poema, rótulos, lista de supermercado, caixinha de leitura. (P.1, questionário, out. 2016).

### **Fragmento 4:**

Leitura deleite; conto e reconto de histórias; leitura a partir de produções de texto; leitura de imagens e leitura a partir de jogos. (P.2, questionário, out.2016).

Diante das respostas, percebe-se que P.1 não descreve como ela desenvolve o trabalho com a leitura, mas apenas ressalta que oferece livros e realiza atividades. Além disso, ela diz que trabalha com diversos textos, mas, ao mesmo tempo, confunde leitura com gêneros textuais.

Já P.2 relata que faz uso de diferentes meios para desenvolver o trabalho com a leitura, o que mostra um posicionamento bastante diferente de P.1, pois seu papel não se resume à oferta de textos, mas apresenta estratégias de leitura bem definidas.

Sabe-se que a leitura precisa ocupar lugar de destaque na vida dos alunos, pois, através da oferta de diferentes textos, meios e instrumentos de leitura, o aluno desenvolve uma série de características necessárias à formação do leitor.

De acordo com Marcuschi (2008), a adoção de uma variação de textos, permite que o leitor experimente uma diversidade textual que, na maioria das vezes, ocupa lugar de suporte pedagógico e didático no contexto educacional.

Como se pode perceber, é importante que o professor trabalhe com diversos textos, mas isso, por si só, não dá conta de promover práticas de leitura. É preciso, pois, que o professor lance mão de estratégias que não apenas tornem esses textos relevantes para os alunos como a própria atividade de leitura em uma experiência significativa.

Sobre o questionamento se a escola na qual trabalham adota livro paradidático, foram dadas as seguintes respostas.

#### **Fragmento 5:**

Sim. Nós trabalhamos com o programa do governo (PACTO) e usamos livros de literatura infantil. (P.1, questionário, out.2016).

#### **Fragmento 6:**

Sim. O programa PNAIC oferece aos professores livros para ser trabalhados com os alunos. (P.2, questionário, out.2016).

Pelas respostas das entrevistadas, fica evidente que a escola não adota paradidáticos específicos, os quais estariam disponíveis tanto para o professor

quanto para os alunos. Mas faz uso dos livros fornecidos pelos referidos programas que, geralmente, disponibilizam um único exemplar para o professor. É importante frisar que esses livros não são escolhidos pelo professor, restando-lhe apenas selecionar alguns exemplares que serão trabalhados em suas aulas.

Ao serem questionadas as entrevistadas sobre as estratégias utilizadas para trabalhar com os paradidáticos, as respostas encontradas foram:

**Fragmento 7:**

Uma roda de leitura, onde cada criança levará um livro para casa e recontará a história na roda de conversa. (P.1, questionário, out.2016).

**Fragmento 8:**

Leitura deleite, conto e reconto, sequência didática. (P.2, questionário, out.2016).

No primeiro posicionamento parece que os alunos são convidados a uma roda de leitura na qual socializam a leitura que fizeram em casa. Essa é uma estratégia que amplia o repertório dos alunos, pois, se essa atividade durar por um longo tempo, os alunos terão acesso a diversas estórias. Porém, não está claro na resposta dada se é dado o direito ao aluno de escolher o livro que levará para sua casa.

A segunda entrevistada (P. 2) não especifica como se dá essa leitura deleite, nem como conduz a sequência didática.

Com base nos fragmentos 03, 04, 07 e 08, pode-se dizer que as professoras apresentam, em seus discursos, importantes aspectos para se trabalhar a leitura em sala de aula: a diversidade de textos e diferentes estratégias de leitura.

No entanto, percebeu-se, a partir das observações nas aulas, que elas não fizeram uso dessas estratégias, pois, em geral, suas práticas de leitura consistiam em solicitar que um aluno lesse para toda a classe o texto que havia sido selecionado para determinada atividade. Não houve roda de leitura na classe de P.1, e a roda de leitura promovida por P. 2 apresentou uma configuração diferente: ela leu um texto para a classe com a finalidade de se trabalhar um conteúdo didático.

Diante do questionamento sobre a forma como as professoras avaliam a leitura do paradidático realizada pelos alunos, elas deram as seguintes respostas:

**Fragmento 9:**

O livro paradidático é uma excelente ferramenta para incutir no aluno o gosto pela leitura. (P.1, questionário, out.2016).

**Fragmento 10:**

Há um grande desenvolvimento durante o ano, ele se desenvolve. (P.2, questionário, out.2016).

As entrevistadas demonstram não compreender a questão e são superficiais em suas respostas. Observa-se ainda, na fala de P1, uma ideia equivocada, ou seja, a de que o gosto pela leitura deva ser “incutido” no aluno pelo uso do paradidático.

Diante do questionamento feito às professoras sobre como devem ser as aulas de leitura, tendo quatro opções de resposta e podendo marcar mais de uma opção, elas sinalizaram as seguintes:

**Fragmento 11:**

Deve-se ter um trabalho diário com a prática da leitura em sala de aula e deve-se ler para extrair informações do texto. (P.1, questionário, out.2016).

**Fragmento 12:**

Deve-se ter um trabalho diário com a prática da leitura em sala de aula.(P.2, questionário, out.2016).

As professoras apontam para o fato de que a prioridade é o trabalho diário com a leitura, mas o que se observou em suas práticas foi que a leitura era só uma etapa para se atingir o objetivo central – a realização de uma atividade, fosse ela de interpretação ou gramatical.

Ao serem questionadas sobre os gêneros textuais utilizados na sala de aula, de uma lista elaborada com base nos PCNs (1997), as entrevistadas assim se manifestaram:

**Fragmento 13:**

Anúncios, história em quadrinhos, poemas, adivinhas, trava-línguas e fábulas. (P.1, questionário, out.2016).

**Fragmento 14:**

Cartas, bilhetes, convites, diários, notícias, anúncios, histórias em quadrinhos, poemas, adivinhas, trava-línguas, contos (de fadas, de assombração, etc.), fábulas e gibis. (P. 2, questionário, out.2016).

Diante das respostas apresentadas pelas professoras, nota-se uma diversidade de gêneros textuais (literários e não literários) apontados por elas, sendo que P.2 apresenta uma lista maior que P. 1. É importante ressaltar que a maioria desses gêneros está presente no livro didático utilizado pelas professoras. Como já foi referenciado, para Marcuschi (2008), o livro didático é um suporte para textos variados no contexto da sala de aula.

Por isso, o professor que trabalhar com diferentes gêneros textuais possibilita ao aluno o acesso a diversos modelos de comunicação, tornando-o apto a interagir em vários contextos, dentro ou fora da escola. Através dessa diversidade textual, ele encontra diferentes formas de ler e ver o mundo que o cerca, descobrindo-se assim como um integrante social.

De acordo com o que foi percebido durante a observação, P. 1 fez uso dos seguintes gêneros textuais: cordel, poema e música. Quanto a P.2, foram utilizados fábula e um poema pedagógico (para se trabalhar as letras iniciais dos nomes). Entretanto nenhuma das duas chamou atenção para a modalidade textual que estava sendo trabalhada. Isso permite dizer que a seleção do texto não se deu com base em critérios que priorizassem o trabalho com o texto (sua forma, sua função na comunicação, seu autor, etc.).

Em seguida, perguntou-se sobre as estratégias de leitura que são utilizadas na sala de aula, tendo sido solicitado que as numerassem por ordem de prioridade. Seguem, então, as respostas:

#### **Fragmento 15:**

- ( 2 ) Leitura em voz alta pelo professor.
- ( 1 ) Leitura em voz alta pelos alunos.
- ( 3 ) Leitura silenciosa pelos alunos. (P.1, questionário, out.2016).

#### **Fragmento 16:**

- ( x ) Leitura em voz alta pelo professor.
- ( x ) Leitura em voz alta pelos alunos.
- ( x ) Leitura silenciosa pelos alunos. (P.2, questionário, out.2016).

Como se pode perceber, P. 1 prioriza a leitura feita em voz alta pelos alunos. É válido dizer que essa foi a postura adotada pela professora durante a observação. De acordo com Angela Kleiman (2013), essa prática inibe, ao invés de promover a formação de leitores, pois a atividade se reduz ao aferimento da capacidade de leitura do aluno. Para a autora, o aluno estaria prestando atenção à forma, à pronúncia, à pontuação e distanciando-se do principal objetivo, que seria tornar o texto inteligível para ele.

Além disso, P. 1 coloca a leitura silenciosa em último plano, quando deveria ser a primeira estratégia a ser utilizada pelo professor, antes mesmo de solicitar uma leitura em voz alta. Segundo Silva (1998), é fundamental que os professores planejem e utilizem sessões de leitura silenciosa em sala de aula, não deixando esse tipo de leitura para ser feito somente em casa pela criança.

Quanto a P. 2, nota-se que ela não compreendeu a questão, pois marca as três opções, sem estabelecer a ordem de prioridade, conforme foi solicitado. Só se pode dizer que ela sinaliza fazer uso das três estratégias.

Perguntou-se também qual o livro que as professoras utilizam com mais frequência em suas aulas de leitura, com as seguintes opções de resposta: livro didático, paradidático, livro de poesias, livro de contos de fadas, ou outros (a sinalizar). As respostas foram as seguintes:

**Fragmento 17:**

Livro didático. (P.1, questionário, set.2016)

**Fragmento 18:**

Livro didático; paradidático; livro de contos de fadas e outros (livros do Programa Pacto). (P.2, questionário, set.2016).

Vê-se que P. 1 marca o livro didático como aquele que utiliza com uma maior frequência. Isso torna possível dizer que suas práticas de leitura estão quase sempre vinculadas a uma atividade didática, uma vez que é esta a configuração dos livros didáticos, que utilizam o texto como apoio para a realização de uma atividade. Além disso, sabe-se que o livro didático muitas vezes traz textos fragmentadas, o que compromete um entendimento mais global do assunto abordado.

Já P. 2 sinaliza mais de uma opção, levando ao entendimento de que não se concentra em apenas um livro para realizar suas atividades de leitura.

Ao se questionar para que utilizam os textos do livro didático de Língua Portuguesa, as entrevistadas forneceram as seguintes respostas:

**Fragmento 19:**

Trabalhar a compreensão textual. (P. 1, questionário, set.2016)

**Fragmento 20:**

Leitura oral; trabalhar a compreensão textual. (P.2, questionário, set.216).

Percebe-se que tanto P. 1 quanto P. 2 dizem que realizam o trabalho com os textos do livro didático de Língua Portuguesa principalmente para a atividade de compreensão textual. Se essa atividade de compreensão realmente estimular uma reflexão crítica sobre o texto, é bastante proveitosa para o aluno. Mas, como postula Marcuschi (2008), se apresentar apenas “atividades de cópiação”, o que geralmente aparece nos livros didáticos, não estará contribuindo para a formação de leitores críticos.

Perguntou-se também sobre quais seções do livro didático de Língua Portuguesa são mais utilizadas pelas professoras. Elas sinalizaram as seguintes:

**Fragmento 21:**

Para brincar e aprender (atividades diversas de leitura e escrita). (P.1, questionário, set.2016).

**Fragmento 22:**

Para preparar a leitura (introdução ao texto que será trabalhado). Para ler e conversar (interpretação oral do texto). Para ler e escrever (atividades escritas com base no texto). Para estudar a escrita (atividades gramaticais). Para brincar e aprender (atividades diversas de leitura e escrita); produção de texto oral e escrito. (P 2, questionário, set.2016).

Enquanto P. 1 assinala apenas uma seção “Para brincar e aprender”, P. 2 diz fazer uso com frequência de todas as seções do livro.

No que diz respeito ao questionamento sobre o que pode dificultar o trabalho do professor para a realização das atividades de leitura, as respostas foram:

**Fragmento 23:**

Diferentes níveis de aprendizagem dos alunos. Falta de acompanhamento dos pais ou responsáveis nas tarefas diárias. (P.1, questionário, set.2016)

**Fragmento 24:**

Materiais didáticos insuficientes. (P. 2, questionário, set.2016).

É válido ressaltar que, para essa questão, as entrevistadas tinham as mesmas opções de resposta, mas cada uma fez uma escolha diferente, ainda que trabalhando na mesma escola. P. 2 acredita que a dificuldade para se trabalhar a leitura reside no fato de faltar materiais didáticos. Já P. 1 não sente essa necessidade em seu trabalho.

Quanto às principais dificuldades enfrentadas para se desenvolver o trabalho com a leitura na escola em que trabalham, as professoras responderam que:

**Fragmento 25:**

Os alunos ainda não sabem ler. Os alunos não compreendem o que leem. (P.1, questionário, set.2016).

**Fragmento 26:**

Ausência de uma biblioteca para enriquecimento das atividades de leitura.(P.2, questionário, set.2016).

Analisando o discurso de P. 1 nos fragmentos 23 e 25, percebe-se que ela atribui as dificuldades ao aluno (seu desenvolvimento escolar) e aos pais (acompanhamento). E quanto a P. 2, percebe-se que ainda está focada na falta de recursos, pois, no fragmento 26, sinaliza a falta de uma biblioteca para as atividades de leitura, enquanto P. 1, da mesma escola, não vê esse fato como uma dificuldade.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o trabalho com a leitura seja eficaz, é necessário que o professor utilize uma metodologia que fomente no aluno o gosto pela leitura, contribuindo assim para que a prática de leitura não se restrinja ao espaço escolar, muito menos às atividades escolares, mas se torne uma experiência diária na vida do aluno, que possua um real significado na vida de cada um.

Dessa forma, os professores precisam atentar para as diversas estratégias que possam estimular o gosto pela leitura para que, assim, possam contribuir para a formação de alunos leitores, capazes de ler, compreender, posicionar-se diante dos mais variados tipos de textos, e não se utilizar de práticas que tenham por meta a simples reprodução do que está proposto nas atividades, seja nas seções de compreensão do livro didático ou nas fichas dos paradidáticos.

Os resultados da pesquisa mostram que as práticas de leitura têm sempre por base um texto extraído de um livro, didático ou paradidático, seguindo-se de uma atividade de interpretação, que exige apenas do aluno responder as perguntas sobre determinadas informações que se encontram claramente expressas no texto.

Este trabalho possibilitou a percepção de que os professores do contexto pesquisado apresentam um discurso que os aproxima de uma prática que tem por meta a formação de leitores, porém, com base na observação em sala de aula, o que se verificou foram algumas propostas de leitura descontextualizadas que pouco contribuem para o desenvolvimento do aluno leitor.

Finalmente, pode-se dizer que tão somente o uso dos livros (didático e paradidático), com textos integrais e de qualidade e com atividades adequadas, não leva à formação de leitores, mas é preciso que o professor, como mediador principal do processo de leitura, tome decisões adequadas quanto à seleção e análise de textos e, principalmente, quanto à metodologia de ensino da leitura.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ensino Fundamental**, Brasília: MEC/SEF. 1997.
- CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 2002. V. II.
- COELHO, Janete Lainha. **Traquinagem de criança**. Ilustração Janete Lainha Coelho. Salvador: Secretaria da Educação: Secretaria de Cultura, 2014. 16p. (Coleção Pactos de Leituras).
- COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 45.ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 15.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2013.
- LAJOLO, Mariza. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto: Livro Didático e Qualidade de Ensino**, Brasília, DF, v. 16, n.69, p.3-9, jan./mar.1996.
- LAJOLO, Mariza. **Meus alunos não gostam de ler, o que eu faço?** Campinas: Cefiel/ IEL/Unicamp, 2005 (Linguagem e letramento em foco).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOLINA, Olga. **Quem engana quem? Professor x livro didático**. São Paulo: Papyrus, 1987.
- QUEIROZ, Tânia Dias; RIBEIRO, Paula Adriana. **A magia das virtudes**. Ilustração Luiz Carlos Ferreira. São Paulo: Rideel, 2002.
- RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- ROJO, R. H.R.; A. A. G. BATISTA. Apresentação: Cultura da escrita e livro escolar: propostas para o letramento das camadas populares no Brasil. In: \_\_\_\_ (Org.). **Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 7-24.
- SANTOS, Leonor W. dos. **Leitura na escola e formação do leitor**. In: ENCONTRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 4., 2005. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. v.1, p.19-23. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/literinfantil/artigos/santos1.pdf>>

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. 3.ed. São Paulo: Fontes, 1998.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed., 3.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Disponível em: <[http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F148554%2Fmod\\_resource%2Fcontent%2F1%2FA%20ESCOLARIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20LITERATURA%20INFANTIL%20E%20JUVENIL%20completo.pdf](http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F148554%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FA%20ESCOLARIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20LITERATURA%20INFANTIL%20E%20JUVENIL%20completo.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Beatriz Lúcia Taguari. **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

VALLE, Fernanda Ribeiro do. **Aprender e saber**: letramento e alfabetização. 2º ano – Ensino Fundamental – Anos iniciais. São Paulo: Cereja, 2014.

## **APÊNDICE**

Questionário aplicado ao professor



**FACULDADE MARIA MILZA**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Prezado(a) Professor (a),

O presente estudo faz parte da pesquisa de campo para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da instituição FAMAM, que tem como título: **Uso de Livros Didáticos e Paradidáticos no Ensino de Língua Portuguesa**: um estudo no segundo ano do ensino fundamental em uma escola da Rede Municipal de Governador Mangabeira-Ba, pesquisa realizada pela discente Valdete Oliveira da Silva Santos, tendo como orientadora a professora Antonia Claudia de A. Cordeiro.

Ressaltamos que será mantido sigilo total quanto aos participantes da pesquisa.

Agradecemos a contribuição ao passo em que solicitamos a sua autorização para a utilização das informações prestadas.

**AUTORIZAÇÃO:** \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO**

1. Das opções abaixo, assinale a que melhor descreve sua escolaridade.

- ( ) Magistério (antigo 2º grau)
- ( ) Ensino superior (em curso)
- ( ) Ensino superior (completo)
- ( ) Especialização
- ( ) Mestrado

Especifique sua formação: \_\_\_\_\_

2. Há quantos anos o(a) Sr(a). está lecionando no 2º ano?

- ( ) Até 1 ano

- ( ) 1 a 5 anos
- ( ) 6 a 10 anos
- ( ) 10 a 15 anos
- ( ) Mais de 20 anos

**Obs.: As questões seguintes podem ter mais de uma marcação.**

3. Como devem ser as aulas de leitura?

- ( ) Deve-se ter um trabalho diário com a prática da leitura em sala de aula.
- ( ) Deve-se ler para preencher a ficha de leitura.
- ( ) Deve-se ler para extrair informações do texto.
- ( ) Deve-se ler textos para tratar de aspectos gramaticais.

4. Em sua opinião, o que pode dificultar o trabalho do professor para a realização das atividades de leitura?

- ( ) Materiais didáticos insuficientes.
- ( ) Livros didáticos de má qualidade.
- ( ) Diferentes níveis de aprendizagem dos alunos.
- ( ) Falta de acompanhamento dos pais ou responsáveis nas tarefas diárias.

5. Quais são as principais dificuldades para se desenvolver o trabalho com a leitura na escola em que trabalha?

- ( ) Os alunos ainda não sabem ler.
- ( ) Os alunos não compreendem o que leem.
- ( ) Os alunos estão desmotivados para as atividades de leitura.
- ( ) A ausência de recursos na escola para as atividades de leitura (livros, jornais, gibis, etc.).
- ( ) Ausência de uma biblioteca para enriquecimento das atividades de leitura.

6. Quais gêneros textuais são trabalhados em sua sala de aula?

- ( ) 1 a 5 anos
- ( ) 6 a 10 anos
- ( ) 10 a 15 anos
- ( ) Mais de 20 anos

**Obs.: As questões seguintes podem ter mais de uma marcação.**

3. Como devem ser as aulas de leitura?

- Deve-se ter um trabalho diário com a prática da leitura em sala de aula.
- Deve-se ler para preencher a ficha de leitura.
- Deve-se ler para extrair informações do texto.
- Deve-se ler textos para tratar de aspectos gramaticais.

4. Em sua opinião, o que pode dificultar o trabalho do professor para a realização das atividades de leitura?

- Materiais didáticos insuficientes.
- Livros didáticos de má qualidade.
- Diferentes níveis de aprendizagem dos alunos.
- Falta de acompanhamento dos pais ou responsáveis nas tarefas diárias.

5. Quais são as principais dificuldades para se desenvolver o trabalho com a leitura na escola em que trabalha?

- Os alunos ainda não sabem ler.
- Os alunos não compreendem o que leem.
- Os alunos estão desmotivados para as atividades de leitura.
- A ausência de recursos na escola para as atividades de leitura (livros, jornais, gibis, etc.).
- Ausência de uma biblioteca para enriquecimento das atividades de leitura.

6. Quais gêneros textuais são trabalhados em sua sala de aula?

- cartas e bilhetes
- convites
- diários
- notícias
- anúncios
- história em quadrinhos
- poemas
- adivinhas e trava-línguas

- ( ) contos (de fadas, de assombração etc.)
- ( ) mitos e lendas populares
- ( ) fábulas
- ( ) textos teatrais
- ( ) gibis
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

7. Dos livros abaixo, qual você utiliza com mais frequência em suas aulas de leitura?

- ( ) Livro didático
- ( ) Paradidático
- ( ) Livro de poesias
- ( ) Livro de contos de fadas
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

8. Que estratégias de leitura o(a) Sr(a) utiliza com mais frequência em sua sala de aula? Numere (de 1 a 3) por ordem de prioridade.

- ( ) Leitura em voz alta pelo professor.
- ( ) Leitura em voz alta pelos alunos.
- ( ) Leitura silenciosa pelos alunos.

9. A Sr(a) utiliza os textos do livro didático de língua portuguesa principalmente para:

- ( ) leitura oral.
- ( ) leitura silenciosa.
- ( ) ditado de palavras.
- ( ) trabalhar um conteúdo gramatical.
- ( ) trabalhar a compreensão textual.
- ( ) para realizar atividades de cópia.

10. Qual(is) seção(ões) do livro didático de língua portuguesa é (são) mais utilizada(s) em sua prática? Por quê?

- ( ) Para preparar a leitura (Introdução ao texto que será trabalhado).
- ( ) Para ler e conversar (Interpretação oral do texto).
- ( ) Para ler e escrever (Atividades escritas com base no texto).



- ( ) Para estudar a escrita (Atividades gramaticais).
- ( ) Para brincar e aprender (Atividades diversas: de leitura e escrita).
- ( ) Produção de texto oral e escrito.

Justificativa:

---

11. Qual a sua concepção de leitura? O que a Sr(a) entende por leitura?

---

12. Como o(a) Sr(a) desenvolve o trabalho com a leitura ?

---

13. A escola em que o(a) Sr(a) trabalha adota livros paradidáticos?

- ( ) Sim            ( ) Não. Por quê?

---

14. Quais estratégias o(a) Sr(a) utiliza para trabalhar com os paradidáticos?

---

15. Como o(a) Sr(a) avalia a leitura do paradidático realizada pelos alunos?

---

## **ANEXO**

## Ofício de encaminhamento à escola pesquisada

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Portaria do MEC nº 204, de 24 de outubro de 2011

Retificado no Diário Oficial da União em 06 de março de 2012



OF PED nº 114/2016

Governador Mangabeira-BA, 31/8/2016

Ilm<sup>a</sup> Senhora,

Vimos, através deste, solicitar-lhe autorização para que a discente **VALDETE OLIVEIRA DA SILVA SANTOS** realize pesquisa de campo junto a unidades escolares ligadas à esta Secretaria Municipal, referentes ao seu Trabalho monográfico de Conclusão do Curso, cujo título: *O uso dos livros didáticos e paradidáticos de Língua Portuguesa para o trabalho com a leitura em duas turmas de segundo ano do ensino fundamental*.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em identificar como os docentes têm utilizado os livros didáticos e paradidáticos para o trabalho com a leitura no 2º ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas em Governador Mangabeira-Bahia.

Agradecemos sua valiosa colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'M. J. Ribeiro', is written over a horizontal line.

Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia

Maria José Ribeiro dos Santos e Silva  
Assis. de Orientação do  
Curso de Pedagogia  
Faculdade Maria Milza

À Ilm<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Gestora Maria José Ribeiro dos Santos e Silva  
Escola Municipal Professora Elza Silva de Jesus  
Governador Mangabeira – Bahia

Recebido  
06/09/2016  
Joantana